

Vista pittoresca do rio Zambeze logo depois do romper da aurora

PROVINCIA DE MOÇAMBIQUE

RIO ZAMBEZE

Ao concluirmos a serie de artigos ácerca da historia e descripção da cidade de S. Sebastião de Moçambique e do seu districto, promettemos aos nossos leitores tratar em outra occasião, em artigo especial, d'aquella parte da provincia que o rio Zambeze corta e fertilisa, mostrando ao mesmo tempo em gravura as pompas da vegetação d'este opulento paiz, e dando noticia das variadas riquezas que encerra a nossa provincia de Moçambique.

Não era justo que deixassemos acabar o volume sem nos desobrigarmos da nossa promessa. Porém o pouco que resta para complemento d'aquelle, e o muito que é indispensavel dizer para o inteiro cumprimento d'esta, obriga-nos a cortar por meio das difficuldades. Publicaremos, pois, agora a gravura promettida, e, deixando para o seguinte volume o principal da materia com que tencionavamos acompanhal-a, vamos transcrever a curiosa descripção do Zambeze feita pelo bispo de S. Thomé, D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, que foi prelado de Moçambique nos ultimos nove annos da sua vida, durante os quaes visitou boa parte dos territorios sujeitos á sua jurisdicção, e escreveu uma interessante memoria ácerca d'elles [1]. D'esta memoria, que o illustre prelado deixou manuscripta, publicou alguns excerptos o sr. J. V. da Gama, no seu mui noticioso livro, de que fallámos tratando de Moçambique. É d'esse livro, dado á luz na capital da nossa Africa Oriental, e pouco conhecido, certamente, dos nossos leitores, que extrahimos a seguinte descripção:

«O grande e caudaloso rio Zambeze, e por outro nome rio *Cuama*, a quem nós os portuguezes denominâmos *rio de Sena*, sem outro motivo mais do que por elle passar junto a esta villa, é, sem contradicção, o maior, o mais extenso e mais rico em cabedaes de agua e producções naturaes da sua propria creação, que se encontra em toda a Africa, depois do Nilo, do Zaire, e não sei se do Senegal.

«A sua origem, ainda não conhecida até ao presente, parece ser nas altas serras dos *Butuas*, que dividem o continente africano em oriental e occidental por entre 18 e 20 graus de latitude sul. Desde alli até *Zumbo*, ultimo estabelecimento portuguez n'aquelle sertão, que dista perto de 300 legoas da sua embocadura no mar, não é frequentada nem mesmo conhecida a sua extensa carreira; posto que, quando passa por este presidio, é já bastante volumosa. D'este sitio para baixo segue sempre arrebatado por entre logares estreitos e escarpadas penedias, formando diversas cachoeiras e vistosas cascatas, impedindo por causa d'ellas frequentemente a navegação desde o mencionado *Zumbo* até á villa de *Tete*, que se contam pela estimativa mais de cem legoas. No sitio de *Quebra-Baças*, cinco ou seis dias de viagem acima de *Tete*, fórma o rio uma soberba cachoeira, precipitando-se a pique de um alto rochedo, e faz aqui a agua uma zoada que se ouve por algumas legoas. É, portanto, a navegação de cima, isto é, de *Tete* até *Zumbo*, feita com muito trabalho e risco em pequenas canoas, ordinariamente feitas de cascas de arvores por serem mais leves, pois tem de as levar ás costas em muitas partes e por muitas legoas até chegar a *Zumbo*.

«De *Tete* para baixo, até *Sena*, que são ainda sessenta legoas, é o rio todo limpo, sem cachoeiras que empeçam a navegação; mas n'este espaço tem algumas rapidas terriveis, uma d'ellas tão violenta no sitio chamado *Lupata*, aonde este magestoso rio atravessa a alta serra d'este nome, que alguns mappas appellidam *espinhaço do mundo;* e de repente se estreita de 150 braças a 5 ou 6 entre dois altissimos penhascos, que no seu cume se juntam quasi e formam uma especie de porta ou boca tão medonha, que ainda ninguem entrou por ella que não tivesse mil motivos de arrepender-se da sua temeridade. N'esta terrivel rapida, que para cima leva um dia a passar-se, vão as embarcações puxadas á sirga por muitos cafres, com grande risco de se precipitarem no rio, por irem quasi a rastos por cima de pedras escorregadias, ou quebrarem as cordas e despedaçar-se a embarcação em uma pedra que ha no meio da corrente, quasi na entrada inferior d'aquelle medonho estreito. Para baixo é egual o perigo se os cafres tem o minimo descuido em levar a embarcação bem direita e desvial-a a tempo da dita pedra, porque qualquer dos dois canaes, que ella fórma, não tem mais largura que aquella por onde escassamente cabem similhantes embarcações. Apesar de ter este boqueirão quasi meia legoa de comprido, ordinariamente se passa, descendo, em seis ou sete minutos de tempo.

«D'este perigoso passo para baixo até *Quelimane* vae o rio sempre alargando e recebendo varios outros rios, grandes e pequenos, pela direita e pela esquerda; mas, apesar da sua largura, que em muitas partes excede a meia legoa, e da sua grande profundidade que conserva no meio do alveo, é demasiadamente rapida e tão violenta a sua corrente, que a navegação para cima é sempre feita pelas margens, onde o rio faz grandes remansos e algumas contra-correntes, por isso a navegação de *Quelimane* a *Sena*, que não excede muito a 60 legoas de caminho, costuma ordinariamente levar 12 a 15 dias; e de *Sena* a *Tete*, que são pouco mais de 60 legoas, gastam-se de 15 a 20 dias na viagem, conforme as mais ou menos aguas que leva o rio. Pelo contrario, a navegação para baixo, que se faz sempre pelo meio do rio, apenas dura desde *Tete* a *Quelimane* 6 a 7 dias, e algumas vezes se tem feito em menos. É de notar que toda esta navegação só póde fazer-se de dia por causa dos muitos perigos que precisam evitar-se, e não se podem ver de noite.

«É este grande rio desde o mar até *Sena* semeado de pequenas ilhotas e coroas, umas fixas, outras volantes, que quasi sempre se acham cobertas de monstruosos crocodilos, que alli chamam lagartos, e no Brasil jacarés, e são estes feios monstros tão atrevidos, que alguns chegam a insultar as pequenas canoas, e a devorar os cafres que encontram descuidados dentro d'ellas, junto da praia. Tem-se morto alguns depois de terem devorado um cafre sem lhe deixarem nem cabeça, que a engolem inteira. Chegam elles na sua maior grandeza a ter 70 palmos de comprimento, e 4 de diametro no mais grosso do corpo. São armados e cobertos de uma fortissima crosta escamosa á maneira de pinha, tão compacta e dura, que sómente pelos olhos se podem matar a tiro de bala. Tem a boca muito rasgada, e n'ella uma duplicada armação de dentes, similhantes ás prezas de javali; e a preza que uma vez pegaram jámais a largam sem devorar. Não se apartam muito longe da agua, e saem d'ella ordinariamente para tomar o sol ou para pegar alguma preza que vem junto á praia. Fóra da agua são timidos, e logo que vem gente ou sentem alguma bulha se precipitam n'ella e mergulham para o fundo. Na villa de *Sena*, aonde se bebe agua do rio, todos os annos succedem algumas desgraças de negros e negras comidos por estes vorazes lagartos.

«É a sua ordinaria vivenda nos remansos, enseadas do rio, especialmente aonde ha juncaes e canniçaes. Não se faz pescaria d'estes monstros, mas ma-

[1] D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, religioso carmelita da provincia do Rio de Janeiro, foi sagrado bispo de S. Thomé em 1816; transferido para a prelazia de Moçambique em 1818; de que tomou posse no anno seguinte, e falleceu em 1828.

tam-se alguns por divertimento da maneira seguinte: Preparam um anzol de ferro, seguro n'uma corrente do mesmo com grossura capaz de segurar o bicho, e presa esta a uma arvore perto de agua, mas que o anzol fique desviado uma ou duas braças. Cobrem este com bocados de carne, de fórma que se não veja o ferro, e seguram tambem n'elle uma gallinha viva ou outro qualquer pequeno animal que faça bulha para chamar o bicho áquelle logar. Logo que o lagarto vê a preza chega-se a ella e de repente devora tudo de uma vez. Os cafres, que estão á vigia com espingardas ou frechas, lhe crivam logo os olhos; e como elle fica de boca aberta, lhes é então muito facil matal-o, mas não se chegam a elle sem que esteja morto, porque qualquer cutilada ou plancha que elle dê com a cauda é mortal em quem a recebe.

«Habita egualmente n'este rio prodigiosa quantidade de cavallos marinhos, e são alguns tão corpulentos, que excedem na grandeza aos maiores cavallos terrestres, cujos dentes, posto que mais pequenos que os dos elephantes, são, comtudo, mais preciosos, porque jámais perdem a côr, nem racham postos em obra, por mais delicada que seja, como succede ao marfim. Estes corpulentos amphibios só na cabeça e pescoço tem a fórma de cavallo; mas o resto do corpo tem mais similhança de porcos do que de cavallos. Elles tem as mãos e pés muito curtos; a barriga anda quasi arrastando pelo chão; o peito, lombo, anca e cauda são inteiramente de porco; ainda mesmo na boca tem as grandes presas á similhança d'este animal. Saem de noite a pastar e dormir em terra. Sustentam-se de vegetaes e não sei se tambem de peixes do rio. São damninhos para as plantações; em uma noite devoram um campo inteiro de milho, de feijão ou de arroz, por grande que seja; por isso não se podem fazer estas sementeiras senão em distancias consideraveis do rio; aliás que sejam bem muradas de forte estacaria. São inimigos infestos do homem, e logo que o vêem, estando em terra, correm atraz d'elle, não para o devorarem, como os jacarés, mas para o esmagarem e despedaçarem. Porém consegue-se escapar á sua furia por uma prompta fuga; porque elles em terra dura não são os mais ligeiros no curso. Dentro do rio tambem são temiveis, no tempo do cio, ou quando as eguas tem filhos que lactam aos peitos, como as eguas da terra. N'esse tempo accommettem os mesmos barcos, e é preciso fazer n'elles grande bulha e motim, ou atirar-lhes tiros para os atemorisar e espantar; porque se acontece passarem por baixo da embarcação, corre perigo de ser por elles virada e afogar-se toda a gente. Matam-se a multiplicados tiros de bala; tambem se arpôam como as balêas, e matam arpoados a fortes lançadas. Além dos dentes, que fazem ramo do commercio, é a sua carne delicioso manjar para os cafres, mas insipida e pouco sadia para gente branca.

«Não é este rio dos mais piscosos, talvez por causa dos mencionados monstros; mas o peixe que ha n'elle é excellente, saboroso, delicado e sadio. Desde *Sena* até *Quelimane*, sem exceptuar estas mesmas villas, são as margens muito doentias por causa das terras lateraes, que por todo este dilatado espaço são baixas, pantanosas e alagadiças até grande distancia para os dois lados do rio, ficando inteiramente cobertas no tempo das grandes cheias por muitas legoas para o sertão. Estas margens, sempre cobertas de uma infinidade de sevandijas e insectos, que no tempo de menos aguas infestam e corrompem as que ficam estagnadas por immensos charcos, além do ardente calor do sol n'aquellas planicies humidas e corruptas, fazem aquelle vasto paiz quasi inhabitavel. As suas aguas por estes logares, ainda mesmo dentro do seu alveo, sempre são turvas e lodosas. Mas de *Sena* para cima, aonde as terras principiam a elevar-se e a apparecerem grandes serras, são as suas aguas puras, limpas e cristallinas; e principia um paiz mais saudavel e uma atmosphera pura, fresca, em tudo analoga ao clima de Minas Geraes, no Brasil, e por isso a villa de *Tete* é a mais saudavel de todo este vasto continente, progredindo sempre a melhor d'alli até ao presidio de *Zumbo*.

«Similhante ao *Nilo*, tem este rio todos os annos suas enchentes periodicas, que ordinariamente principiam no mez de novembro ou dezembro, e duram até março. São estas alguns annos tão extraordinarias, que nas terras baixas, de que acabo de fallar, formam um vasto mar de agua doce, aonde apenas se vêem por muitas legoas as pontas das arvores; sendo esta tambem a causa da incrivel fertilidade em que fica aquelle terreno depois que as aguas se retiram. E para rivalisar em tudo com aquelle chefe dos rios africanos, vae entrar no mar por cinco ou seis bocas, formando um espaçoso delta similhante ao do Egypto. O seu extenso curso, que se reputa de 400 a 500 legoas (não sendo reconhecida a sua origem), é quasi sempre de oéste para léste, fazendo um semi-circulo pelo norte; porque, nascendo por entre 18 e 20 graus de latitude sul, nas serras dos *Butuas*, como acima fica dito, entra no mar em *Quelimane*, quasi na mesma latitude.

«Nas suas barras, exceptuando a de *Quelimane*, a mais septentrional de todas, não soffre entrada ou saída a embarcação alguma, seja grande ou pequena, sob pena de serem alli despedaçadas todas quantas se aventurarem a demandal-as, isto por causa do horrivel embate das suas aguas com as do mar, e dos muitos bancos e coroas moveis, que todos os dias apparecem e desapparecem; de fórma que sempre aquellas aguas andam em um continuo turbilhão de circulos, especialmente a barra de *Luabo*, que é de todas a mais larga, e por onde o rio despeja mais agua. A propria barra de *Quelimane*, sendo toda esparcelada e bravissima, apenas dá entrada a navios pequenos, que demandem pouco fundo, e ainda é preciso esperar occasião de aguas vivas e mar chão para entrarem ou sairem.

«As embarcações que navegam por este rio desde *Quelimane* a *Tete*, chamadas *corchos* e *balões*, são feitas á similhança de grandes canoas de um só pau, e são tão vastas que algumas carregam 1:500 arrobas, e levam para mais de 100 pessoas. Andam sempre a remos, em alguns logares a varas, e n'outros á sirga; mas nunca á vela, seja navegando para cima, seja para baixo. Todas as noites dão fundo junto a terra, e para isto tem certos logares destinados, a fim de fazerem fogo e prepararem a comida, que não podem preparar dentro da embarcação. Ao romper do dia continuam a viagem sem outra interrupção, até á noite, que fundeiam.»

Além do interesse que estas noticias podem inspirar, devem ter para nós outros bastante merecimento por serem escriptas por um portuguez e testimunha ocular de tudo ou quasi tudo que narra. Muitos outros compatriotas nossos fizeram longas viagens por aquelle rio acima, percorrendo os territorios que elle banha, e outras regiões da Africa Central, de que varios nos deixaram miudas relações, uns em seus escriptos, e outros em mappas traçados e illuminados com o maior primor, como esses que o nosso governo acaba de enviar para a proxima exposição de Paris, em um dos quaes figuram, com as suas margens e rios bem marcados, esses grandes lagos que dão origem ao *Nilo*, e cuja descoberta arrogam a si o dr. Livingstone e outros viajantes modernos. Oxalá que esse livro, tão precioso pelo valor artistico, como por ser documento irrecusavel dos progressos e civilisação dos portuguezes em eras que já vão longe, seja visto por pessoas competentes e justiceiras, a fim de

que nos restituam a gloria d'esses descobrimentos, que outros pretendem usurpar-nos [1].

Todavia, áparte essa pretenção, é innegavel que muita honra e louvor cabem ao dr. Livingstone e outros viajantes inglezes pelos seus commettimentos de exploração através dos sertões da Africa. A pag. 73 do vol. I publicou o *Archivo Pittoresco* o retrato do dr. Livingstone, e várias noticias sobre a sua vida e viagens. A pag. 73 do vol. II acharão os nossos leitores em breve artigo algumas referencias ás viagens do dr. Livingstone, acompanhando uma gravura que representa as magestosas cataractas do *Zambeze*.

A gravura que damos agora é copiada de outra do jornal *Le Tour du Monde*, a qual é cópia, a seu turno, de um desenho tirado nas margens do *Zambeze* pelo proprio dr. Livingstone, e que no referido jornal acompanha, juntamente com outras, a relação de uma viagem emprehendida por este audacioso descobridor nas regiões cortadas pelo *Zambeze* e seus confluentes durante os annos de 1858 a 1864.

Representa a gravura uma paizagem nas margens do *Zambeze* ao alvorecer do dia, que é a hora, bem como a do occaso do sol, em que se cobrem aquelles logares, praias e arvores, de uma immensa multidão de feras e de aves, que alli acodem a matar a sêde e a banhar-se em algum remanso das aguas d'aquelle magestoso rio.

I. DE VILHENA BARBOSA.

INTERESSE E DEVER — IDÉA RELIGIOSA

(EXCERPTO DE CHANNING)

Educar ou cultivar alguma coisa, uma planta, um animal ou um espirito, é fazel-o crescer, é desenvolvel-o. O que, pois, procura desenvolver as suas mais nobres faculdades e capacidades, para se tornar um ente proporcionado, vigoroso, excellente e feliz, pratica a cultura de si proprio, faz a sua educação pessoal.

Quando um homem olha para si, descobre duas ordens distinctas, ou duas especies de principios que lhe é util conhecer. Nota desejos, appetites, paixões, que não exigem, não procuram senão o seu proprio prazer, a sua satisfação e o seu interesse; e observa tambem outro principio opposto, que é imparcial, desinteressado, universal, um principio que o leva a ter consideração pelo direito, pela felicidade de outrem, e lhe impõe obrigações que devem ser cumpridas forçosamente, ainda que estejam em opposição com o seu prazer ou o seu proveito.

Nenhum homem, ainda que o allucine o interesse ou o endureça o egoismo, póde negar que se agita dentro de si uma grande idéa que se acha em opposição com o *interesse;* é a idéa do *dever*, é a voz intima que lhe ordena que respeite e pratique a justiça imparcial e a benevolencia universal.

Este principio de desinteresse, que reside no fundo da natureza humana, chama-se já razão, já consciencia, e ás vezes sentido a faculdade moral; mas, apesar do nome que se lhe dê, é um principio real em cada um de nós, é a principal faculdade que devemos cultivar, porque d'esta cultura depende o legitimo desenvolvimento das outras faculdades. Podem as paixões ser mais fortes que a consciencia, ou gritar mais alto, porém os seus clamores são diversos do tom imperioso com que a consciencia ordena. Não são revestidos da sua auctoridade, nem tem o poder que nos submette. No meio de seus triumphos, as paixões são condemnadas pelo principio moral, e humilham-se ante a sua voz serena, mysteriosa e ameaçadora.

Quando nos estudâmos, o que devemos preferentemente distinguir são os dois grandes principios, um egoista e o outro desinteressado; e a parte mais importante da educação é diminuir um e accrescentar o outro, ou, para o dizer assim, enthronisar em nós o sentimento do dever. Não ha limites para o desenvolvimento d'esta força moral do homem, se elle a aprecia e preza sinceramente.

Ha homens que nenhum poder mundano desvia do justo, e que receiam menos a morte sob as fórmas mais terriveis, do que a transgressão da lei intima da justiça e do amor universal.

Quando nos observâmos, descobrimos em nós faculdades que nos ligam ao mundo exterior, visivel, finito e sempre mudavel. Temos, porém, uma faculdade que não póde ligar-se ao que vemos e palpâmos, ao que existe nos limites do espaço e do tempo, uma faculdade que procura o infinito, a causa increada, e que só póde descançar quando sobe até ao Espirito Eterno, que comprehende tudo: é o principio religioso; e a lingua humana não sabe exaggerar-lhe a grandeza, porque é o indicio de um ser destinado a entrar em communhão no mundo mais sublime que o mundo visivel. Desenvolver esta força é fazer eminentemente a nossa educação.

Alimentar em nós a idéa de Deus, a idéa clara e verdadeira que nos leva a adoral-o, a obedecer-lhe e a desejarmos imital-o, é o mais nobre apanagio da natureza humana, e, talvez que se possa accrescentar, das naturezas celestes.

E note-se que o principio religioso e o principio moral estão intimamente ligados e caminham juntos. O primeiro é a perfeição e a manifestação mais elevada do segundo. Ambos são desinteressados. É a essencia da verdadeira religião adorar e reconhecer em Deus os attributos da eterna justiça e do amor universal, e ouvir a sua voz quando no amago do coração nos ordena que imitemos o que adorâmos.

VESPAS DA AMERICA MERIDIONAL

VESPEIROS DE MATERIA SIMILHANTE AO PAPELÃO

Não são unicamente os homens que contam no seu seio architectos distinctos. A natureza dotou com o talento da architectura a muitos outros seres da creação. Verdadeiros e mui perfeitos architectos são, inquestionavelmente, os *castores* entre os quadrupedes; o *rhipidura albiscapa*, da Australia, e várias outras aves d'entre os habitadores do ar; os *strombus* e muitos outros molluscos d'entre os povoadores do Oceano; as *abelhas*, as *vespas*, e ainda mais alguns d'esses pequeninos seres a que damos o nome geral de insectos.

Os castores, na edificação das suas casas, reunidas como em aldeia, e construidas habil e prudentemente sobre estacaria no meio dos lagos ou dos rios, offerecem ao homem proficua lição de architectura; e as tambem diversas aves na estructura dos seus ninhos de tal modo affeiçoados, que, ao mesmo tempo que servem aos tenros filhinhos de berço de repouso e de agasalho contra as inclemencias do tempo, asseguram aos paes, e tambem aos filhos, se já estão emplumados, a salvação no caso de ataque de qualquer inimigo, pois que em alguma das partes inferiores do ninho, que em taes circunstancias tem bastante profundidade, fica um estreito e quasi occulto bocal, por onde as avesinhas podem facilmente fugir, illudindo

[1] O livro de que fallâmos é o Atlas de Fernão Vaz Doirado, que foi fronteiro nas terras de Goa, militar muito distincto e insigne illuminador. O livro é in-fol. e intitula-se *Mapamundo, que trata de todos os Reynos, terras e Ilhas, que ha na redondeza da terra, com suas derrotas, e alturas por esquadria. Em Goa 1571.*

Todos os mappas são desenhados com perfeição e illuminados primorosamente a côres e oiro, que conservam toda a sua viveza e brilho.

Este precioso livro, que hoje se guarda no real archivo da Torre do Tombo, pertenceu á livraria do convento de *Scala Cæli*, junto da cidade de Evora, habitado até á extincção das ordens religiosas por monges cartuxos.

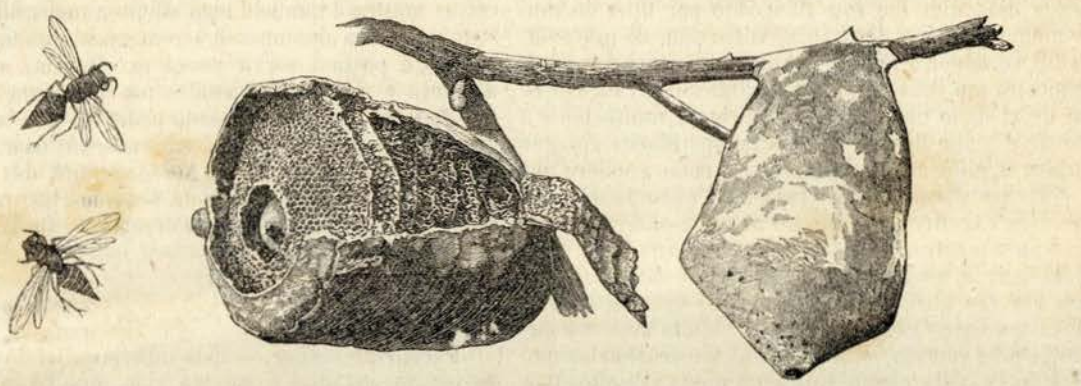
a sanha dos aggressores; como nos antigos castellos feudaes as galerias subterraneas, dando occulta saída para o fundo do visinho valle, salvavam a vida e a liberdade aos defensores da fortaleza, quando a sorte das armas fazia triumphantes os sitiadores.

Nas conchas de muitas especies de molluscos encontram-se lições praticas de artes. A estructura interior de todas as especies do genero *strombus* representa bem ao natural a formação das escadas espiraes ou de caracol. Em algumas especies do genero *helix* aprende-se uma lição de optica. Na concha do *hippopus maculatus* vê-se figurada com a maior perfeição da esculptura a voluta do capitel jonico. Longo podia ser este catalogo se fossemos passando em revista todos os molluscos que ostentam em suas conchas bellezas que tem a apparencia de primores e preceitos de arte.

E que diremos das abelhas? d'esses admiraveis insectos que estão patenteando de um modo tão maravilhoso, nos seus habitos e artes, a immensidade do poder e da sabedoria do Creador? Que diremos d'esses interessantes seres, que, sendo tão pequeninos de corpo, offerecem aos homens tão grande exemplo do amor do trabalho? A ordem que reina nas differentes funcções d'estes insectos, o modo por que se governam, a maneira por que exercem a sua industria, a arte que empregam nas suas obras, a utilidade, em fim, que resulta dos seus trabalhos, tem-lhes attrahido a attenção e a admiração dos philosophos antigos e modernos.

Pois abstrahindo d'essa utilidade, nenhum homem, por certo, poderá contemplar, sem assombro e enlevo, a arte que transluz n'esses trabalhos. A construcção dos favos é, na verdade, um prodigio de arte e de delicadeza. N'este ponto participam da sua gloria as vespas, principalmente a especie que constroe os vespeiros taes quaes os representa a nossa gravura.

Esta especie, que faz alguma differença, na conformação do corpo, da vespa commum, segundo tambem se mostra na mesma gravura, vive nos sertões da America meridional. Os seus vespeiros são uma perfeita obra de architectura. Cada um é uma casa composta de muitos andares, dispostos com a maior regularidade e symetria, e contendo cada um infinita



Vespas da America meridional e seus vespeiros

quantidade de cellulas, construidas com a maior delicadeza e ordenadas artisticamente.

O vespeiro tem uma unica entrada, que é um orificio, onde apenas cabe o dedo minimo, praticado na parte inferior, e ao qual correspondem, exactamente por cima, no meio de cada divisão ou andar, outros orificios eguaes.

Todavia, com quanto seja notavel esta estructura interior, o que mais maravilha é o tegumento que serve de involucro a estes vespeiros. É uma obra de cartão, ou do mais fino e endurecido papelão, tão forte e duro que não é facil coisa amolgal-o. Tem a superficie lisa como o papel, e, quanto á côr, é em parte branco, como este, e n'outras cheio de pintas de côr castanha, ora clara, ora escura. Em um bello exemplar d'estes singulares vespeiros, que possuimos, e nos foi trazido do Pará, em cujo sertão abundam estes insectos, apresentam-se as pintas dispostas verticalmente e com tanta regularidade, que parecem obra da mão de pintor. N'este exemplar, que differe na fórma do que damos em gravura, pois que conserva o mesmo diametro em todo o seu comprimento, que mede 30 centimetros, n'este exemplar, dizemos, observa-se exteriormente tantas ondulações, quantas são as divisões ou andares no interior.

Pendem estes vespeiros dos troncos das arvores, aos quaes estão fortemente ligados por uma larga faxa ou tira da mesma materia de que são feitos os vespeiros, e que mostra ser por essa faxa que as vespas dão começo á sua curiosa construcção.

A attenção dos viajantes intelligentes foi attrahida primeiramente pela fórma exquisita d'estes vespeiros; mas, fixando-se logo depois na originalidade da contextura exterior, levou os homens investigadores dos segredos da natureza a tentar descobrir o modo e a materia de que se servem aquelles industriosos insectos para a fabricação de uma substancia tão similhante ao papel ou cartão. As suas tentativas foram coroadas de um exito tão feliz, que em breve se operará na utilissima industria do papel a mais proficua refórma que se poderia desejar em beneficio dos consumidores, e, por conseguinte, a prol da civilisação.

Descobriu-se, pois, que a materia prima de que as vespas se servem para a fabricação do involucro dos seus vespeiros é a madeira, não verde, mas sêcca, e, graças á influencia atmospherica, facil de ser explorada para similhante obra.

Primeiramente tratam as vespas de arrancar com as suas mandibulas do tronco da arvore, que acham em estado conveniente, algumas particulas de madeira. Depois, á força de trabalho e de perseverança, mordendo, rolando e como que amassando com as patas aquellas pequenas particulas, conseguem reduzil-as a uma bolasinha de branda massa. Carregadas com este material tão penosamente affeiçoado, lá vão mui lampeiras construir as paredes externas do seu palacio, operação que sempre deixam para o fim, pois que primeiramente começam e levam á ultima perfeição o interior.

Feito este descobrimento, não tardaram os homens a applicar á sua industria o processo industriosissimo d'aquelle pequeno insecto.

Os Estados Unidos da America anticiparam-se a todas as mais nações na introducção d'este importante melhoramento, que deve embaratecer consideravelmente o papel, dispensando, além d'isso, o trapo, que, pelo

extraordinario e sempre crescente consumo que d'elle se fazia, poderia vir a escassear, com gravissimo prejuizo do commercio das letras.

Ha menos de um mez noticiavam os jornaes americanos ter-se fundado em *Schuylhill*, proximo de Philadelphia, uma fabrica de papel de madeira, estabelecida em ponto grande por uma poderosa companhia. Dizia a noticia, a que nos referimos, que na dita fabrica se reduzem diariamente vinte toneladas de madeira a massa de que se faz excellente papel.

I. DE VILHENA BARBOSA.

CARTAS PORTUGUEZAS DO PRIOR DO CRATO

(Conclusão. Vid. pag. 393)

IV

PARA O CONDE MAURICIO

«Excellentissimo senhor.—Uma das coisas que muito desejei foi offerecer-se alguma boa occasião em que podesse ver vossa excellencia, porque, além de haver muitos dias que lhe sou affeiçoado por filho do mui excellente principe de Oranja, vosso pae, de que sempre fui verdadeiro amigo, o valor que vossa excellencia mostra em suas obras e as grandes esperanças que tem de si dado ao mundo me obrigam muito mais a o amar e a lhe desejar muitas prosperidades em que tambem a mim cabe a minha parte como coubera nas do principe vosso pae se vivêra, de quem, assim como vossa excellencia herdou o valor, assim creio herdaria juntamente a affeição e vontade que tinha para me assistir e ajudar na restauração de Portugal, entendendo ser obrigação de principes valorosos como elle favorecerem causas justas. A minha está tão publicada pelo mundo, e as semrazões e crueldades que el-rei de Castella commigo e com meus vassallos tem usado são de todos tão sabidas, que, segundo vossa excellencia é querençoso de honra e desejoso de gloriosas emprezas, não duvido que por algumas vezes se alvoroçasse a me ser n'esta companheiro em me ajudar a tomar satisfação d'este nosso commum inimigo, para o que tambem tenho por muito certo que estarão sempre promptas as vontades d'esses estados, pois sabem que ganham n'isso, por quão amada essa nação sempre foi dos portuguezes e quão bem vindos d'elles os que de lá foram áquelle reino. E porque el-rei de Castella, á conta de me tirar os meios que possa ter para os recuperar, embaraça tudo de maneira que é forçado aos principes de que me poderá valer occuparem-se todos com elle e a mim esperar mais tempo do que porventura me durará a vida, a qual as doenças compridas e continuos cuidados m'a vão cada vez mais consumindo, peço a vossa excellencia que, sendo Deus servido que se me acabe primeiro que vá a Portugal, queira mostrar em meus filhos a grandeza de seu animo e assistil-os em suas pretenções, porque todo o favor que lhes der vossa excellencia será para o poderem melhor servir, e assim lhes encommendo meus criados que deixo n'estas partes, se alguns d'elles se forem refugiar a essas e abrigar á sombra de vossa excellencia, confiados em seu sangue e singulares virtudes, nas quaes eu tenho a mesma confiança, e basta para folgar vossa excellencia de favorecer uns e outros lembrar-se que são filhos e criados de um rei que nunca foi ambicioso e que, podendo por muitas vezes descançar, morreu em trabalhos e miserias pela liberdade do seu reino e vassallos. Excellentissimo senhor, Nosso Senhor vos dê o cumprimento de vossos desejos, como póde. — *Dom Antonio Rey de Portugal.* — De Paris a 22 de agosto 1595.»

V

PARA A PRINCEZA DE ORANJA

«Muito excellente senhora. — Continúa tanto commigo a doença com que vossa excellencia me deixou quando se partiu d'esta cidade de Paris, e são tão crueis as dores que me atormentam de noite e de dia, que se Deus por Sua Misericordia me não vale, pouca esperança tenho nos remedios que os medicos me applicam, pelo que, como quem se sente chegar cada vez mais ao fim da vida, antes de acabar de todo determinei escrever estas regras a vossa excellencia para lhe lembrar que merecem os desejos que sempre tive de me empregar nas coisas do mui excellente principe vosso marido não se esquecerem seus filhos dos meus, os quaes deixo debaixo da protecção dos reis e principes amigos para que com sua ajuda e favor possam restituir Portugal á sua antiga liberdade, e juntamente tomar satisfação dos trabalhos que el-rei de Castella me faz padecer ha tantos annos. E porque sei o muito que vossa excellencia vale assim com o senhor conde Mauricio como com os senhores d'esses estados, estou confiado que a mesma vontade que vossa excellencia levou d'aqui para me assistir em minhas coisas mostrará tambem com effeito a meus filhos para seguirem seus desenhos e terem mais commodidades com que possam servir vossa excellencia, cuja boa natureza e singulares virtudes me dão tanta confiança, que hei por bem escusado pedir-lhe isto com mais palavras, nem o meu mal me consente usar d'ellas. Muito excellente senhora, Nosso Senhor dê a vossa excellencia o cumprimento de seus desejos, como póde. — *Dom Antonio Rey de Portugal.* — De Paris hoje 22 de agosto 1595.»

VI

PARA O CONDE DE ESSEX

«Excellente senhor. — Esta differença ha dos ins[illegible]s do estado aos que o são da vida, que os do estado esperando se vencem, e os da vida quanto com elles mais espera tanto mais se vão apoderando d'ella. Bem me houvera eu com os que me tyrannisam o estado, se me esses sós fizeram guerra, porque quem vive sempre espera, e restaurações de grandes estados, ainda que vagarosas, com soffrimento se alcançam muitas vezes; mas miserias e doenças prolongadas, continuas afflicções de espirito, imaginações tristes, e outros males de que me vejo cercado cada hora, se vão prolongando de maneira que cada vez me sinto com menos forças para poder resistir a tantos tyrannos. E porque temo que me seja forçado render-lhes a vida muito cedo, quiz que no fim d'ella entendesse vossa excellencia que não morro esquecido da obrigação em que lhe estou pelo amor com que tem tratado minhas coisas, e particular cuidado com que se emprega n'ellas todas as vezes que se presenta alguma occasião; e sabe Deus que uma das principaes pessoas de que sempre fiz mais gran caso para me ajudar em meus desenhos n'essa terra foi vossa excellencia, pela experiencia que tenho de sua muita honra, entendimento e valor, mas parece que ainda Deus não está inteiramente satisfeito dos graves e rigorosos castigos que tem dado a Portugal, e que por isso lhe defere [illegible] liberdade para mais tarde, sem haver sido falta de q[illegible] lh'a procurou por tantas vias como eu. Confiado est[illegible] porém, que em fim o ha Deus de libertar, e que [illegible] ha de permittir que o nome portuguez, tão celebrado e temido no mundo, fique sujeito a um tão odiado n'elle como é o hespanhol, e bem creio que em todo tempo que os portuguezes se lembrarem do que fiz por elles se lembrarão juntamente do que devem á magestade da serenissima rainha, pois ella foi de quem n'estas partes recebi móres favores e mercês, e em quem conheci sempre vontade mais prompta para me

assistir na restauração de meus reinos, pelo que peço a vossa excellencia me faça tanto favor que queira assegurar sua serenissima magestade d'este meu animo, pois não tenho outra coisa que lhe possa offerecer dina de sua grandeza, senão a gratidão e conhecimento d'elle. E se porventura alguma hora julgou minha natureza por differente do que lhe diriam e eu mostrava ter antigamente, não é de espantar que onde tantos perderam o entendimento mudasse eu a natureza, violentada com tanta diversidade de trabalhos como padeço ha muitos annos, mas com nenhum que tivesse a mudei nunca para deixar de conhecer e confessar o muito que devo a sua serenissima magestade, não sómente em minha vida, mas ainda espero dever-lh'o na morte, porque, como sua grandeza não tem limite, tenho confiança n'ella que com a mesma benignidade com que me amparou a mim ampare tambem meus filhos e criados, mórmente sendo favorecidos de vossa excellencia, e não duvido que o sejam, porque, além de vossa excellencia ter por costume fazer bem a todos, com mór gosto folgará de o fazer por haverem sido filhos e criados de um amigo seu mui verdadeiro. Excellente senhor, Nosso Senhor vos dê o cumprimento de vossos desejos. Vosso mui affeiçoado amigo — *Dom Antonio Rey de Portugal.* — De Paris hoje 22 de agosto 1595.»

Procurando com a fiel transcripção d'estas cartas vulgarisar documentos, que só se encontram n'um livro estrangeiro rarissimo, e que são valiosos para a historia patria, desatámos ao mesmo tempo a dúvida que havia entre distinctos bibliographos ácerca da existencia real de cartas de D. Antonio, prior do Crato, impressas na lingua portugueza. JOSÉ DE TORRES.

IMPERTINENTE E INSOLENTE

Não se trata de synonymos. As obras ácerca dos synonymos provam-n'o. Mas não se pretende acaso mostrar a differença entre duas palavras que parece assimilharem-se? Os escriptores que se dão a este genero de trabalho, prestam bom serviço ás pessoas que desejam escrever ou fallar com energia e clareza. E para o conseguir é mister conhecer bem a grammatica, saber em que ordem as palavras entram na phrase para expressar o que pensâmos, e para que possa passar á intelligencia de outrem o que foi concebido em a nossa; é, sobre tudo, necessario conhecer a propriedade dos termos que se empregam no discurso.

As palavras são para a litteratura o que os algarismos são para o calculo. Cada uma d'ellas tem significação precisa, como cada algarismo tem valor positivo. Póde-se, com o auxilio de diversos rodeios, expressar a mesma idéa, como com o auxilio de varias fórmulas reproduzir o mesmo numero; mas quanto ás idéas determinadas nos signaes abstractos, assim na arithmetica, como na litteratura, cada signal expressa a que lhe é propria, e só com elle póde representar-se.

O impertinente e o insolente não são a mesma coisa, ainda que communmente se empreguem estas palavras uma pela outra. O impertinente é o homem que se envolve no que não lhe pertence, e no que não entende, *quod non pertinet*. «V. é um impertinente quando se ingere em negocios alheios.»

Este exemplo basta para determinar o verdadeiro sentido da palavra impertinente; e explica porque se chama impertinente a qualquer homem que diz ou faz uma coisa inconveniente.

Manifesta-se a impertinencia até no modo de nos apresentarmos. Concebe-se, portanto, que é possivel fallar ácerca das sciencias, das artes, do commercio ou da politica com a maior delicadeza, e só fazer impertinencias. É o que se vê todos os dias.

Impertinente, na boca das damas, tem sentido particular, mas que não está longe do que analysámos. O homem a quem ellas chamam impertinente é o que falla ou se envolve em coisas que não entende, nem lhe são proprias.

Insolente é o homem que pratica uma coisa não permittida pelo uso, *quod non solet*, uma coisa insolita. Como esta coisa é ás vezes injuriosa para outrem, faz-se insensivelmente da insolencia o synonymo de insulto, como se faz da impertinencia o synonymo de insolencia, porque a injuria se acha alliada tambem á impertinencia. Ha n'isto confusão de idéas.

Insulto é uma palavra que tem sentido mais particular e preciso que a insolencia. Insolencia não significa rigorosamente a idéa da acção. Basta uma palavra, um modo, para se manifestar. Insulto, pelo contrario, suppõe uma acção: por isso, o insulto é uma insolencia, mas a insolencia nem sempre é insulto. Insolencia, na linguagem commum, é menos que insulto e mais que impertinencia.

Para as damas, em geral, que fallam sempre com singular cortezia e que sabem escolher os vocabulos, a insolencia tem por vezes a significação de insulto.

A impertinencia parece existir especialmente no intento, e a insolencia no proceder. Dizem-se impertinencias; praticam-se insolencias. Conhecem-se facilmente estas distincções. Se se empregam taes palavras uma pela outra, não é, de certo, porque se ignore a differença, mas porque as duas qualidades que indicam encontram-se communmente reunidas no mesmo individuo.

A impertinencia participa tambem da fatuidade, e é porventura, como ella, um ridiculo. A insolencia, procedendo do orgulho, é um vicio.

A impertinencia denota o excesso de amor proprio. A insolencia prova o excesso de desprezo com que um homem considera os demais homens.

Nas relações habituaes da sociedade, nada mais commum que as impertinencias. Em que consistem? Em uns nadas, que são repetidamente sensiveis só para duas pessoas: para quem faz a impertinencia, e a quem se faz. Comprimentar e não comprimentar, olhar e não olhar, fallar e não fallar, são impertinencias segundo as circunstancias em que se faz ou se deixa de fazer uma coisa.

Em facto de cortezia, a acção póde ser mais impertinente que a omissão.

O melhor modo de castigar a impertinencia é pagar ao impertinente na mesma moeda.

Beaumarchais comprehendeu-o maravilhosamente. Achavam-n'o impertinente na corte porque o viam entre ella. Os fidalgos antigos, que julgavam ter o privilegio exclusivo da impertinencia, aproveitavam, pois, todas as occasiões para o mortificar. Mas o filho do relojoeiro Caron era homem que podia ensinal-os. Um d'aquelles fidalgos, enfadado de encontrar no caminho o *homem saído do nada*, e, achando-se com elle em uma sociedade em que o talento valia mais que os titulos, tirou o relogio, e, apresentando lh'o, disse:

— Meu prezado Caron, este relogio não regula bem; deve, portanto, ser de seu pae. Queira guardal-o. Creio que o conhece...

— Senhor marquez, respondeu Beaumarchais, deixando cair no solo o relogio, que era magnifico, e que se quebrou em mil pedaços: senhor marquez, enganou-se. Dizia meu pae que eu não podia exercer nunca a profissão d'elle.

A impertinencia é muito differente da insolencia, porque está constantemente ao abrigo das fórmas, e affecta os donaires da cortezia e até da benevolencia.

Diz um esclarecido escriptor, a proposito d'esta especie de impertinencia, de que os grandes da terra não são avaros: — *Ha certa familiaridade que é mister repellir com o respeito.*

INDICE

(Os asteriscos antes da indicação das paginas designam gravuras)

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio